Guimarãis, 9 de Março de 1940 ANO I — N.º 49

Ressurgimento

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Emprêsa Editora Vimaranense

APONTAMENTOS

A juventude gosta das afirmações fortes, das palavras claras. Tudo o que se apresente de brumoso, palavras indecisas com dupla intenção — quantas e quantas vezes sujeitas a tôdas as interpretações e soluções—geram a confusão, e, em momentos difíceis, a dispersão de actividades que a Nação precisava ver reünidas. Bem sabemos que é precisamente nas horas graves que o demo-liberalismo maçónico e judaico tenta envenenar os espíritos e lançar a discórdia entre os seus melhores elementos, aquêles que se encontravam nas primeiras filas nas primeiras horas.

* * *

Alto, cara de medalhão romano; voz forte mas simples, serena; gesto largo mas sóbrio. Formado em medicina onde alcançou um lugar de destaque, grande valor científico no campo da psicologia experimental — de tal maneira que a Alemanha coloca à sua disposição todos os seus laboratórios de psico-fisiologia apesar do hábito que vestia — aviador seguro, sociólogo culto, assim é na sua simplicidade de frade franciscano, o Reitor Magnífico da Universidade do Sacro Cuore de Milão, o Padre Agostinho Gemelli.

Vindo a Portugal receber na Universidade de Coímbra a honra de Doutor *honoris causa*, não deixou de dirigir à gente môça lusitana desassombradas palavras, que mais valor tinham, porque saídas da bôca dum Monge e Presidente da Academia Científica Pontifícia.

* * *

Grave é êste momento da guerra. E tanto mais grave quanto mais confuso querem fazer crer o fim que ela tem. Já não um ideal alto, cruzada antiga que todos uniu, definindo bem os campos em luta. E' que era a bandeira santa da Cruz de Cristo que eles ergueram em pendão e os arrastava aos maiores sacrifícios e heroicidades.

De novo nos querem trazer a paz da América, mas que autoridade terão, se nesta mesma altura nos chega a notícia do desembarque nestes últimos meses de 50 milhões de barras em ouro provenientes da U. R. S. S. — centenas de máquinas de guerra de lá também nos vem desde que haja ouro sonante para a troca. Podem tocar os sinos que quiserem, a verdade é só uma: motivos económicos, luta por interesses económicos.

Hoje reina grande confusão nas mentes quanto a princípios doutrinais; hoje ignoram-se as tradições nobilíssimas e atribue-se valor a doutrinas em estado de falência. Assim ouvimos numa mensagem que nos veio de além oceano falar-nos, em nome do direito da Religião e da democracia, o representante dum país que por tantos anos, emquanto no México se estrangulava tôda a liberdade religiosa e humana sem um único protesto, que só veio com a nacionalização dos poços de petróleo do mesmo país.

Trágica situação a dos judeus, o povo deicida que para si pediu, com ironia, o anátema que Deus ditava, pelo que continuam correndo mundo, sem o seu *reino reconstruído* e perseguidos sempre e em tôda a parte...

Ainda hoje são os maiores adoradores do *bezêrro de oiro* — a libra.

Como começara, assim acaba, em voz pausada, firme e serena, o padre Gemelli, o franciscano, reitor magnífico da Universidade de Milão.

* * *

Em verdade tudo veio contribuir para a confusão. Porque se aceita uma neutralidade Russa?! Que autoridade tem um Jules Romain prègando uma cruzada de intelectuais?! Ainda agora não querem ver a verdade... e a guerra de Espanha ainda não está muito longe para que a tivéssemos esquecido! Por isso marcamos a nossa posição de neutralidade e a mantemos sob todos os sacrifícios. Exceptuamos essa neutralidade, para com a Rússia, como lógica duma posição que sempre mantivemos.

Sôbre as questões actuais somos neutros mas já não o seremos sôbre o novo mundo que querem organizar a seu belo prazer. «Embora expostas aos perigos iminentes da guerra, as nações chamadas «de influência restrita» não deixarão também de pensar, neste momento, *nos perigos longínquos da paz*», escreveu-o o Dr. Júlio Dantas num artigo sôbre os *E. U. da Europa*.

Precisando melhor êste receio, escreveu o Dr. Tomaz Ribeiro Colaço no *Diário de Lisboa* um artigo — *Qual ordem nova!* — de que extraímos alguns parágrafos:

— Em jornais ingleses, franceses e portugueses, tenho lido umas cousas ditas por vários senhores lá fora, tam importantes quanto desconhecidos; cousas que podem resumir-se assim: — *finda a guerra, o mundo terá de compreender e de aceitar uma ordem nova*. Ali se discreteia sôbre a necessidade de que todos aceitem, no futuro, não sei que limitações de soberania, não sei que integração em não sei que mecânicas gerais.

Tudo isto cheira tremendamente a esturro. Assistimos a uma guerra estranha em todos os seus aspectos. E é estranho que pela primeira vez se empenhem a fundo num conflito fôrças que em nenhum se empenharam sem verem — passe a expressão comesinha — «furo no negócio».

Confesso ter mêdo de que esta série de estra-

(*Continua na 3.ª página*)

A' MARGEM

PASSA HOJE mais um aniversário sôbre o nascimento do grande sábio vimaranense Francisco Martins Sarmento. Nascido no século liberal, depois duma mocidade irrequieta, norteado o rumo em estudo profundo, houve *uma desilusão de Sarmento* como a houve também de Garrett, Herculano e muitos outros. E nisso foram êles os verdadeiros construtores do regresso à tradição em que hoje vivemos.

NESTE DIA 9 DE MARÇO, dia de Martins Sarmento, lembramos uma idea que fàcilmente poderia ser realizada.

Na exposição do Mundo Português, no Pavilhão da Fundação, o seu pátio de entrada é dedicado ao tronco étnico dos portugueses — os lusitanos — onde se erguerá a estátua do caudilho Viriato.

Seguem-se-lhe as salas dedicadas à fundação.

A IDEA QUE LANÇAMOS seria a de se escreverem, na parede que serve do fundo à estátua de Viriato, as palavras de Martins Sarmento que em síntese feliz liga a era remota da vélha Lusitânia ao Portugal de Afonso Henriques.

«O FAMOSO CAUDILHO, VIRIATO, QUE HAVIA SIDO O TERROR DAS AGUIAS ROMANAS, FOI DEGOLADO... E POR MAIS DE 13 SECULOS TORNAMO-NOS UM POVO DE ESCRAVOS, PASSANDO DE UM SENHOR A OUTRO! COM D. AFONSO HENRIQUES, RECUPERAMOS OS FOROS DE NAÇÃO LIVRE.»

POR MUITOS SÉCULOS passámos de um senhor a outro mas sem perdermos aquelas características, radículas profundas, que nos prendiam à árvore genealógica lusitana. Nem os romanos conseguiram destruir os costumes que encontraram apesar do seu método bem conhecido de civilizar, adaptando-se, e modificando tudo gradualmente.

AS INVASÕES BÁRBARAS adaptaram-se e fundiram-se aceitando os costumes que encontraram. Os árabes passaram de fugida. Com os cantábricos aconteceu o mesmo. E' que êsses costumes que os séculos radicaram e os romanos melhoraram não desapareceriam mais e formariam a base e o carácter inato do nosso povo.

DA CIDADE

VIDA CATÓLICA

Domingo da Paixão

Evangelho (Ioan., VIII, 46-59). — Dizia Jesús aos Judeus: «Qual de vós me argüirá de pecado? Se eu vos digo a verdade, porque é que me não crêdes? Aquêle que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Vós não as ouvis, porque não sois de Deus». Responderam então os Judeus: «Bem dizemos nós que tu és um Samaritano e tens demónio». Respondeu-lhes Jesus: «Eu não tenho demónio; mas dou honra a meu Pai, e vós a mim deshonrastes-me. E eu não busco a minha glória; outrem a buscará e fará justiça. Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente». Disseram-lhe então os Judeus: «Agora é que se vê que estás possesso do demónio. Abraão morreu, os Profetas morreram, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra não provará a morte eternamente! Acaso és tu maior do que o nosso pai Abraão, que morreu? e do que os Profetas, que também morreram? Que pretendes tu ser?» Respondeu Jesus: «Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é: quem me glorifica é meu Pai, aquêle que vós dizeis que é vosso Deus. E entretanto vós não o conheceis: mas eu conheço-o; e, se disser que o não conheço, serei mentiroso como vós. Mas eu conheço-o, e guardo a sua palavra. Vosso pai Abraão desejou ansiosamente ver o meu dia: viu-o, e ficou cheio de gôzo». Disseram-lhe então os Judeus: «Tu ainda não tens cinqüenta anos, e viste a Abraão»? Respondeu-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão fôsse feito, eu sou». Então pegaram os Judeus em pedras para lhe atirar; mas Jesus encobriu-se e saiu do templo.

Homília. — Só podia falar assim com tanto desassombro aquêle que é a inocência e a santidade por excelência, que é o verdadeiro *cordeiro de Deus que veio apagar os pecados do mundo.*

Nós sabemos, porém, que a sua vontade é que seus filhos se lhe assemelhem. E desde que nos comunica sua vida, nós deveriamos ser irrepreensíveis, a exemplo seu e por sua virtude. Oh! é um mistério perpétuo a bondade de Nosso Senhor e a nossa malícia.

Pois, sendo Deus, tem um soberano horror a tudo o que é mal e pecado, e será ímpio e blasfêmo dizer que Deus pode pecar. O pecado não pode estar nêle, pois, êle é seu inimigo e veio para destruir o império de satanás. Ele é o nosso *Pontífice, santo, inocente, sem mancha; aquêle que não conhecia o pecado.* Visto que Jesus é nosso Mestre e modêlo, nós, como êle, devemos ser santos e inocentes. Na qualidade, pois, de filhos de Deus, devemos ser santos e dignos de Deus. Resgatados com o preço do sangue de Jesus, pertencemos a Deus, devemos glorificá-lo e trazê-lo em nós. Como discípulo de Jesus Cristo devemos caminhar sôbre os seus pés e imitá-lo procurando reproduzir em nós as suas virtudes.

Os seus Sacramentos são fontes abundantíssimas, inesgotáveis, de vida e de graça. O Sacramento da Eucaristia, principalmente, onde êle está e se dá a nós para nos esclarecer, fortificar, santificar, nos divinizar. Muitos não querem seguir a Jesus, por uma lamentável negligência, preferem tornar-se escravos e filhos de Satanás e do pecado, dando livre expansão às suas paixões más.

A vida má ou fácil da maior parte dos cristãos não é um dos maiores obstáculos à conversão dos pagãos e, por conseqüência, à glória de Deus? Humilhemo-nos, pois, e apliquemos a nós mesmos esta tam oportuna exortação de S. Pedro: *portai-vos duma maneira pura e santa, entre as gentes, para que em lugar de vos maldizerem como se fôsseis maus, antes pelo espectáculo de vossas boas obras glorifiquem* a Deus no dia em que se dignar visitá-los.

Para isso recebamos muitas vezes a Sagrada Comunhão: S. Francisco de Sales dizia que os cumes das montanhas à fôrça de se cobrirem de neve se tornavam brancos; do mesmo modo seremos puros e santos se comunicarmos freqüentes vezes com Jesus Sacramentado.

Má educação em Guimarãis

Uma vez, em Lisboa, um juiz de Direito julgava um gatuno, que já muitas vezes tinha sido julgado por roubar. Repreendeu-o e aconselhou-o a que mudasse de vida, porque era novo e podia corrigir-se.

O gatuno, um pouco impressionado, bateu no peito com certo entusiasmo e afirmou que era um homem honrado. Honrado, é claro, conforme o conceito que êle formava de honradez.

O título que tenho usado nestas modestas notas significa a opinião de quem escreve.

Se me preguntassem o que significa má educação, eu não saberia responder com exactidão.

Mas poderia apresentar factos que outros apreciassem e julgassem com o entendessem. A mim parece-me falta de educação o palavriado que ouço a cada passo, ainda que não queira ouvi-lo, e que impressionaria, suponho eu, até um velho cabo de esquadra. Também julgo pouca ou nenhuma educação a literatura de parede, os escritos que qualquer observador, até pouco curioso, pode ver à entrada para lugares onde muita gente tem de ir tratar de negócios, e nas portas e nos baixos de muitas casas particulares.

Merecia um prémio quem contasse as portas desta cidade que estão manchadas com qualquer sinal revelador, a meu ver, de pouca educação da parte de quem escreveu ou desenhou.

Até me parece que a Ex.ª Autoridade Admnistrativa, antes das Comemorações Centenárias, mandará apagar quaisquer sinais, às vezes pouco decentes, que manchem sítios vistosos.

E que reprimirá, tanto quanto possa, a linguagem que possa causar estranheza aos visitantes desta nobre cidade, onde se encontram alguns monumentos que ennobrecem a Pátria Portuguesa.

E' preciso que nenhuma nota triste vá ofuscar o brilho que se espera de uma manifestação colectiva do Povo Português, na qual não pode ter parte a má educação.

UM SERRANO.

NOTICIÁRIO

Aniversários

Fazem anos, nos dias a seguir indicados, os ex.mos srs..

Dia 11 — António Pinto de Carvalho Freitas do Amaral.

Dia 13 — D. Maria Gracinda Pimenta.

Dia 14 — D. Maria de Lourdes Roque Martins.

Dia 16 — D. Maria Amália Pinheiro Machado Cardoso de Meneses e D. Berta Rêgo Sobral.

Dia 17 — Hermano José de Melo Breyner Cardoso de Meneses.

Ressurgimento apresenta a Suas Ex.as o seu cartão de cumprimentos.

Sindicato dos Operários da Indústria Têxtil

Reüniu a direcção dêste sindicato no passado dia 28 de Fevereiro, tendo-se resolvido, a pedido do Secretariado de Propaganda Nacional, enviar a bandeira do Organismo para figurar no pavilhão de Honra da Exposição do Mundo Português que êste ano se efectua em Lisboa.

Padre José Dias

Tornaram-se agora conhecidas as conclusões do inquérito feito pela inspecção do Ministério das Finanças aos serviços da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, de que o nosso prezado amigo, rev. padre José Dias é prestigioso presidente.

As conclusões fôram já publicadas na imprensa diária e são as mais lisongeiras a que aquela inspecção tem chegado em tôdas as Câmaras do país já visitadas.

Caíram assim pela base as malévolas acusações que os inimigos do Estado Novo faziam ao presidente daquele município, cujo nacionalismo e rectidão nenhuma pessoa de bem poderá pôr em dúvida.

Apresentamos ao nosso ilustre amigo os nossos parabens muito sinceros e os protestos da nossa sincera admiração e estima.

Casa dos Pobres

Foi distribuído o relatório impresso da gerência desta benemérita instituição respeitante ao ano de 1939. A quem o folheia ressalta imediatamente, com evidência que se impõe, o incalculável valor da assistência que ali se ministra, bem como o zêlo e dedicação que presidem à administração daquela casa.

Citamos alguns números: receita e despesa de 1939, 247.942$45; subsídios em dinheiro para alimentação, 54.799$50; idem para rendas de casa, 30.430$00; sopas gratuitas 138.742, com pão. Banhos, 5.050.

Aplaudimos a direcção.

Escutismo

Na penúltima terça-feira reüniu a Direcção local do C. N. E. para tratar de vários assuntos de importância para esta tam útil organização de Juventude.

Récitas académicas

No dia 9 de Abril a J. E. C. do Liceu dará uma récita no Teatro de Martins Sarmento. Serão levadas à cena as peças: «Pela Pátria» e «Anda o diabo à solta».

*

A Direcção da Caixa Escolar da Escola Comercial e Industrial de Francisco de Holanda, está a organizar o programa para dar também uma récita no mesmo teatro, cujo produto reverterá para a mesma caixa.

Os passeios...

Emquanto em Guimarãis se substituem os passeios de granito por cimento julgando progredir-se em civilização e modernismo, no Pôrto, na sua principal Rua, estão a substituir os de cimento, pondo o piso dos passeios em granito...

«Ressurgimento»

Tem-nos sido impossivel publicar todo o original em nosso poder. Também ainda nos não referimos a alguns livros que nos foram enviados.

Doentes

Tem estado gravemente doente Monsenhor João António Ribeiro, venerando Arcipreste do concelho.

O nosso sincero desejo de rápido restabelecimento.

— Já se encontra um pouco melhor o sr. José Figueira de Sousa.

— Restabelecido encontramos já o sr. Amadeu Carvalho.

Movimento obituário

No mês findo houve, no cemitério da cidade, o seguinte movimento: homens, 7; mulheres, 13; meninos, 2; meninas, 3.

Turismo

Começaram as obras na sede da Junta de Turismo que vai ser modificada e ampliada, para ali funcionarem os serviços de informações das festas Centenárias. Dizem-nos que as instalações ficarão o mais apropriadas para o fim a que se destinam e dentro em pouco tempo se poderá esclarecer sôbre qualquer particularidade do programa de festas, trânsito e parque de viaturas, alojamentos e alimentação; transportes e seus horários; e tudo o que diga respeito a assunto que se prenda directa ou indirectamente com as festas centenárias.

Santuário Eucaristico

Recomeçaram as obras de construção do Santuário Eucarístico da Penha.

A' generosidade dos nossos leitores recomendamos o prosseguimento desta obra tam piedosa quanto necessária.

APONTAMENTOS

(Continuação da 1.ª página)

nhezas se mostre um dia muito simples, e bastante dura de roer, para os que não souberem ver claro a tempo e a horas, deixando a meada enredar-lhes os pés. (A tal *ordem nova* não seria, por exemplo, o tal *furo* do tal *negócio!*)

Se é precisa no mundo uma ordem nova, estejamos entre os seus directos construtores com o mesmo fito essencial que estes perseguirão: — o de conseguir que essa ordem abranja na sua *novidade*, pelo menos, tudo aquilo que a *ordem antiga* nos assegurava. Chegou a altura de erguermos também a nossa voz; tem de erguer-se clara e forte; e saiba-es em todo o mundo que Portugal também tem voz.

* * *

Que no meio dêste caos mundial se erga a Romana voz dissipando as trevas; que Portugal seja nesta *babel* dissoluta a única bandeira a guiar-nos para a luta que temos de travar. E a vitória será nossa.

ANTÓNIO-LINO.

Castelo de Guimarãis Santuário Nacional

II

Pelo documento anteriormente publicado constata-se que, no ano distante de 1666, os vimaranenses evitaram pela sua atitude patriótica, cheia de energia cívica, que os frades demolissem os Paços dos Duques, para cuja obra de destruïção estavam habilitados por uma provisão régia.

Esclarecido o rei pela representação que a Câmara então lhe dirigira, foi possível obstar a semelhante cometimento, o qual tinha em vista aproveitar a pedra para a construção do convento dos referidos frades.

Mas a defesa dos monumentos — Castelo, Igreja de S. Miguel e Paços dos Duques — não foi apenas manifestada pelos vimaranenses nesse ano de 1666.

Já anteriormente, nas côrtes de 1653, os procuradores de Guimarãis dando testemunho do seu amor ao glorioso património que êsses monumentos representam, ao rei dirigiam alguns capítulos para que êste assegurasse a conservação do Castelo.

Diziam os representantes de Guimarãis na sessão de 22 de Outubro de 1653:

O castelo da Vila é dos mais antigos e sumptuosos do reino, morada dos Alcaides-mores da Vila e prizão da gente dela; está arruinado e, se lhe não acodem, arruina de todo.

Ao que o rei respondeu:

Os reparos dos Castelos correm por conta dos Alcaides-mores.

Assim se demonstra — e é isso o que pretendemos pôr em destaque — que, em mais de uma conjuntura, o povo de Guimarãis pela voz dos seus representantes, velou pela conservação dos seus três monumentos de mais avultado valor histórico.

*

Surge, mais tarde, êsse ciclo agitadíssimo das lutas políticas lavradas entre partidários de D. Miguel e D. Pedro.

Em 1829, um homem de negócios de Guimarãis, aproveitando a *maré do carvoeiro* das convulsões políticas, dirige ao rei uma petição para que lhe fôsse vendida a pedra do Castelo. Não são de nós conhecidos os termos dessa petição. Percorremos os registos das Vereações correspondentes ao ano de 1829. Nenhuma luz recebemos, nessa consulta, que nos pudesse elucidar dos termos dessa petição. Para prestígio da colectividade vimaranense, apenas apuramos saber: *não foi a Câmara quem solicitou do rei a pedra do Castelo. Nenhuma acta das Vereações alude a tal pretensão.*

Podemos, conseqüentemente, concluir:

Que o povo de Guimarãis, não ligou o seu bom nome, a sua dignidade, o seu brio cívico, o seu espírito nacionalista, a semelhante atentado!

Mas êste ... *negócio*, foi frustado pela deliberação governamental que deu despacho ao requerimento do pretenso comprador.

Esse nobre documento de resposta tem a data de 14 de Agôsto de 1829 e, honra, sobremaneira, o seu signatário, o rei, e quantos o inspiraram.

Vejamos os seus termos, reproduzindo-os do L.º 22 dos Registos, Arquivo Municipal, a fls. 149 v.

«Registo da Carta do Conde de Bastos Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino

«Sendo presente a El-Rei Nosso Senhor o requerimento de Custódio José de Sampaio Guimarãis em que pretende a pedra da tôrre que se acha colocada no meio do Castelo da Vila de Guimarãis, é o mesmo Augusto Senhor servido ordenar que não sòmente êste Venerando monumento, mas tudo de que se compõe o mesmo Castelo, seja intactamente conservado por ser o palácio em que nasceu o primeiro Rei destes reinos e sempre glorioso e invicto Senhor Dom Afonso Henriques, tendo êste monumento há sete séculos resistido à ravage dos tempos, e resistirá de futuro, sustentando pelas exemplares e excelsas virtudes de um soberano, fundador da monarquia portuguesa, merecendo em todos os séculos passados a devida consideração aos Senhores Reis destes reinos, assim como actualmente merece a El-Rei Nosso Senhor — que ordena se conserve este Castelo no mesmo estado em que se acha, sem a mais mínima alteração nas suas obras interiores e exteriores, *o que já D. João 5.º no alvará de 20 de Agôsto de 1721, e pelo Senhor Rei D. João 6.º, de saudosa memória no alvará de 4 de Fevereiro de 1802 foi determinado.*

«Manda outrosim o mesmo Senhor que êste aviso se registe nos livros da Camara, para assim se executar, e para constar quanto El-Rei Nosso Senhor conserva na sua real lembrança o berço da monarquia, o que será sempre lisonjeiro para os habitantes da mesma Vila. O que participo a V. S.ª para que assim se execute.

«Deus guarde, etc. . . . . .

*

O *espertalhão* Custódio José Sampaio Guimarãis que, aproveitando a hora agitada das convulsões políticas de 1829, queria a pedra da tôrre de menagem, teve de recuar diante da nobilíssima resposta do Secretário de Estado, Conde de Basto.

E que a pedra não era *para calçadas*, mas para fins particulares, prova-o uma deliberação tomada pela Vereação, em Julho do mesmo ano; — em que se arrematarem *cem carros de pedra para calçadas públicas desta V.ª* (Códice 1738, D.to 307, fls. 297).

Estes pretensos *negócios* ou espertezas de homens cá do burgo, que olham materialmente para os Monumentos, comprometendo o bom nome duma terra, não andam isolados.

Mas lá iremos.

O que temos em vista é provar, à face dos documentos históricos, que Guimarãis tem orgulho no património dos seus três monumentos, agora em restauro.

X.

Programa das Festas Centenárias

Para propaganda destas comemorações editou a Comissão Executiva dos Centenários um artístico folheto que além do programa definitivo contém uma justificação das festas e magníficas gravuras do Castelo de Guimarãis, Mosteiro da Batalha, Tôrre de Belém e Monumento dos Restauradores (Lisboa).

A capa a côres — a bandeira nacional desdobrando-se em volta de esguia tôrre — é dum lindo efeito.

Tear «Jacquard»

Compra-se um tear «Jacquard» de 1.200 agulhas e com pente de 1m,50 aproximadamente, uma urdideira de tambor e uma caneleira de 4 fusos, em perfeito estado de conservação.

Manuel de Sousa Oliveira — Urgezes — Guimarãis, ou em Braga na Rua 5 de Outubro, n.º 80.

Visado pela

Comissão de Censura

Carta de Lisboa

Está a ser tratado na Assemblea Nacional o importante problema do desemprêgo, que tem merecido vivo e criterioso debate por parte de ilustres deputados.

A êste respeito, julgamos que não será descabido o registo de alguns impressionantes números, extraídos dos mapas que foram apresentados em S. Bento pelo dr. Diniz da Fonseca, quando levantou a palpitante questão.

Daí se vê que o montante pôsto à ordem do Comissariado do Desemprêgo, até 31 de Dezembro de 1938, isto é, durante o período de seis anos, subiu a 298.000 contos, sendo as verbas dispendidas em várias aplicações, do total de 253.000, números redondos. 155.000 contos foram gastos em mão de obra, empregada em melhoramentos de conveniência geral, os quais se realizaram em todos os distritos do país. Calculando o salário recebido numa média de 10$00, pode dizer-se que essa cifra representa 15 milhões de salários, para retribuïção de trabalho dado a milhares de portugueses atingidos pelo desemprêgo.

Outros números sugestivos, durante o referido período de seis anos, são os seguintes: 77.500 contos dispendidos em subsídios com ordenados ou férias, pagos a 3.186 trabalhadores colocados em serviços particulares ou oficiais; 6.000 contos em subsídios pagos a 1.669 inválidos; aproximadamente 11.000 contos em pagamentos de alimentação; 1.391 contos em pagamento de vestuário e calçado, confeccionados por desempregados e distribuídos igualmente a desempregados; e 1.481 contos em vários fins de assistência aos mesmos.

Tais números, por eloqüentes, mostram o eficiente esfôrço do Estado Novo, no sentido de atenuar ao máximo a deplorável crise.

*

Também no palácio de S. Bento foi dado o parecer da Comissão encarregada de apreciar as contas públicas de 1938, submetidas a seu exame e pelas quais se vê que a despesa extraordinária total efectuada de 1928-29 a 1938 somou 2.785.720 contos. Respigamos as seguintes cifras dos gastos feitos com obras de fomento: estradas, 395.875 contos; portos, 275.474; Caminhos de ferro do Estado, 159.946; hidráulica agrícola, 79.591; melhoramentos rurais, 83.991; arborizações e filões florestais, 14.091. No capítulo da defesa nacional, a Marinha de guerra figura com uma despesa de 379.977 contos e o material de guerra com 314.618.

Foram instituídos dois prémios de 10 contos para serem distribuídos anualmente, no encerramento na Exposição de Belas Artes, os quais se denominam «Soares dos Reis» e «Silva Pôrto», destinados a recompensar os melhores trabalhos de escultura e pintura. O primeiro foi instituído pelo S. P. N. e para a criação do segundo concorreu também o referido organismo, pelo que foi felicitado pelo sr. Ministro de Educação Nacional.

24-2-940

Z. DE M. F.

Festas Centenárias

Um alvitre a considerar. — Os representantes de Guimarãis sugerem que se realise naquela cidade o III acampamento da M. P.

E' à boquinha da noite, no acampamento de Palhavã, após um jantar animado de conversa simples, mas cheia de moça vivacidade. Em grupos sadios os rapazes trocam as impressões colhidas durante o dia inteiro, em que os factos se sucederam com constantes novidades. A visita à capital proporcionou aos jovens provincianos algumas emoções fortes que ficarão gravadas por muitos anos na sua memória fresca. E neste balanço ingénuo de impressões, há observações, que revestem o aspecto de estranhas descobertas e aventuras arrojadas. O ambiente de entusiasmo que se respira no campo presta-se, aliás, para as mais formidáveis exaltações do pensamento desta mocidade pujante. Dentre os grupos que se formam no vasto acampamento de Palhavã destaca-se um em que a conversa revela a existência dum grande plano. O ar grave dos interlocutores, o tom decidido das suas palavras, a sobriedade dos gestos que traduzem o seu firme entusiasmo prometem, com efeito, obra de vulto e prendem especialmente a nossa atenção. São os vimaranenses, que num grupo de cem, vieram até Lisboa, colaborar com a sua fé nas festas que se preparam.

— O acampamento decorre no meio de geral satisfação... — aventuramos. E' o primeiro em que se reúnem?

— O primeiro, não! — esclarece António-Lino. No alto da Serra da Penha, com um dos mais belos horizontes do país — castelo roqueiro, Guimarãis vèlhinha ao fundo — tivemos um acampamento preparatório. Agora em Lisboa no II acampamento Nacional, e...

E a propósito duma primeira reünião, acrescenta entusiasmado: — Lá nasceu o desejo da rapaziada lançar a idea de, para o ano próximo, promover o III acampamento em Guimarãis.

O sem pensamento, há pouco ainda escutado apenas pelos seus camaradas de «centúria», abre-se agora também para nós, com uma satisfação viva e sincera:

— Comemoraremos em 39 o VIII centenário da Fundação de Portugal. Em Guimarãis nasceu, di-lo a tradição continuada, o nosso primeiro Chefe. Berço da Nação coroa-a ainda, coroa heráldica majestosa, seu castelo secular, imponente na sua rigidez. E melhor cenário, cenário que vibra, não tem a M. P. para comemorar o centenário da nossa reaparição, baptizados em Cristo já, depois de passarmos *de um senhor a outro durante 13 séculos*, como gisou o grande sábio Francisco Martins Sarmento — e os Castros da vélha Lusitânia é ainda em terras de Guimarãis que os encontramos.

— O vosso programa?... — preguntamos com curiosidade.

— Simples, mas do mais alto significado espiritual.

E pouco depois, com decisão:

— Comemoram-se os centenários da Fundação e Restauração de Portugal. E, caso interessante, no alto do monte Latito onde fica Guimarãis, encontram-se, também juntos, unidos, como os dois centenários, dois padrões que mais que quaisquer outros os simbolizam: O Castelo e o Paço dos Duques de Bragança e Guimarãis — a lembrar 1139, 1640! O Castelo está restaurado, os Paços, palácio majestoso, também o está sendo, por vontade de Salazar.

O número principal seria o hasteamento da bandeira de Afonso Henriques, na tôrre de menagem do Castelo pelo Chefe do Estado. No grande largo fronteiro ao castelo, onde se feriram as últimas cutiladas da batalha de S. Mamede, em numerosos mastros dispostos dum e outro lado, seriam hasteadas tôdas as bandeiras nacionais desde 1139 a 1640. Estariam aí presentes tôdas as bandeiras do país, quer militares quer as dos organismos corporativos, morais, culturais e sociais.

Enebriado pela sua interessantíssima idea que nasceu no espírito dos vimaranenses, e que domina agora em grande parte as suas preocupações, António-Lino conclue, com esta esplendorosa sugestão:

— Nessa hora, hora solene do início da Fundação de Portugal de Santa Maria, tocariam em festa todos os sinos das Igrejas do Império. Ao mesmo tempo da tôrre-de-menagem do castelo seriam largados milhares de pombos correios, que levariam a todos os cantos de Portugal a Boa-Nova do início dos festejos comemorativos.

(Do *Diário de Lisboa* de 28 de Maio de 1938).

* * *

O III acampamento da M. P. realizou-se em Lisboa, pois as festas de 1939 ficaram ligadas às comemorações de 1940. Nem por isso deixará ela de aqui acorrer em massa em Junho dêste ano. Aqui lembro os nomes dos camaradas António e Gaspar Amaral, Francisco Ramos e António Sílvio, que se entusiasmaram e conceberam a Idea, e do Engenheiro Duarte Amaral e Dr. Josué Trocado, que com o mesmo entusiasmo a transmitiram a Salazar, ampliada em ideas novas, onde a fé católica também tinha o seu lugar nas comemorações de Guimarãis.

Lembro também os nomes dos srs. drs. Joaquim Manso e tenente Gomes dos Santos expandindo a idea na Imprensa e em conferências realizadas na Sociedade de Geografia, Colégio Militar e na *Mensagem dos Novos de Portugal* à juventude das nossas províncias do Império. *Correio do Minho*, pela pena de A. L. de Carvalho também propaga a idea. Este entusiasmo de certeza e confiança, numa hora em que muitos falsos profetas semeavam a descrença e a dúvida, nasceu em Guimarãis nos primeiros meses de 1938 e manifestou-se pùblimente no II acampamento da M. P., realizado naquele ano em Lisboa desde 23 a 30 de Maio.

Dia festivo

Passa hoje o aniversário do nascimento do eminente sábio dr. Francisco Martins Sarmento, honra e orgulho não só de Guimarãis, mas também da Ciência Portuguesa.

A benemérita Sociedade que o tem por patrono comemora esta data festiva, como nos anos anteriores, distribuindo, em solene sessão, prémios às crianças das escolas do concelho.

Dr. Francisco Martins Sarmento

Associamo-nos a esta simpática festa e cumprimentamos a ilustre Direcção da Sociedade Martins Sarmento pela acção altamente benemérita que dentro daquela instituïção vem desenvolvendo.

Conferência de S. Vicente de Paula (Homens)

Resumo das suas actividades no ano de 1939:

Receita — Saldo de 1938, 69$75; colectas semanais entre os confrades, 272$90; cobrança dos subscritores anuais, 1.291$70; esmolas recebidas, 2.019$70. Soma, 3.654$05.

Despesa — 170 alqueires de milho, 2.570$00; generos de mercearia distribuídos, 645$00; Rendas de casas pagas, 271$00; socorros extraordinários em numerário, 20$00; missas regulamentares e sufrágios, 87$50; impressos e expediente, 56$00; saldo para 1940, 4$55. Soma, 3 654$05.

Cobertores e mantas distribuídas pelos socorridos, 29 e 1 colchão; pobres socorridos durante o ano, 68; confrades activos, 14; sócios subscritores, 148.

*

Esta Conferência acaba de receber da Câmara Municipal o importante donativo de 1.000$00 para os seus pobrezinhos socorridos, e 12 cobertores de algodão do sr. António Pimenta, para o mesmo fim.

Pede-se o favor de recomendar à caridade dos vimaranenses esta Conferência que presentemente se encontra a braços com uma falta de meios, o que dificulta a sua benemérita acção em prol dos desprotegidos da sorte.

IMAGENS E NOTAS DA GUERRA

"Nada de Novo..."

Passados seis meses de guerra os grandes exércitos beligerantes, de milhões de soldados, estão ainda nas mesmas posições das suas linhas na frente ocidental. Que fazem êles?

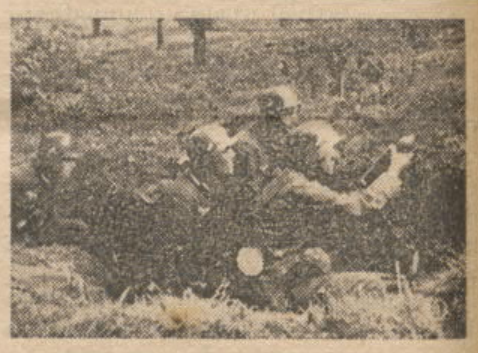
Há, sem dúvida combates aéreos, patrulhas de reconhecimento, golpes de mão — mas até agora não têm havido grandes operações tácticas.

O *nada de novo*... repete-se nos dois comunicados. O comunicado oficial alemão não deixa de repetir: «nada de novo a comunicar»; o francês às vezes tem só a palavra — *rien* — nada.

Como passam os soldados o tempo? Parecendo que não, nestes meses de guerra os soldados têm os dias ocupados. De manhã os serviços de higiene e limpeza, fazer o café, aquecer o abrigo; execícios de armas, tirar a neve, que neste inverno caiu abundantemente; construir novos abrigos, montar linhas telefónicas. Na hora de comer, acarretar água e serviços de limpeza; a seguir exercícios de armas e *revista*.

De tarde há horas livres para leitura, jogos, escrita, etc. Nas linhas alemãs um cinema e teatro ambulantes organiza várias festas.

E' nas *linhas da frente* onde se reúne uma mais dura disciplina, faceta inata do carácter germano, a uma mais estreita camaradagem entre superiores e subordinados.



Uma secção de lança-granadas numa posição da frente ocidental alemã